

A RECEPÇÃO CRÍTICA DE JOSÉ DE ALENCAR EM PORTUGAL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX¹

JOSÉ DE ALENCAR'S CRITICAL RECEPTION IN PORTUGAL IN THE SECOND HALF OF THE 19TH CENTURY

David Patrick Tavares BELO²

RESUMO: Este trabalho apresenta algumas das apreciações feitas ao romancista José de Alencar em solo lusitano, na segunda metade do século XIX, por autores portugueses a exemplo de Manuel Pinheiro Chagas, Inocêncio Francisco da Silva, Brito Aranha, dentre outros. Foram utilizados em nossa pesquisa estudos de Eduardo Vieira Martins (2005), Marcelo Peloggio (2006) e Eduardo França (2013) que apresentam trabalhos sobre a recepção de José de Alencar. Por meio da análise de fontes primárias, busca-se mostrar os interesses e diálogos que a crítica de Portugal protagonizou, evidenciando que a recepção está submetida a convenções que regulam a apropriação do texto, abrangendo discussões que revelam uma crítica lusitana pautada na necessidade de uma autonomia literária por meio da cor local.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção crítica, José de Alencar, Relações luso-brasileiras, Século XIX

ABSTRACT: This article presents some appreciations made about the novelist José de Alencar, on Lusitanian soil, in the second half of the 19th century by Portuguese critics such as Manuel Pinheiro Chagas, Inocêncio Francisco da Silva, Brito Aranha, among others. In our research, we used studies by Eduardo Vieira Martins (2005), Marcelo Peloggio (2006) and Eduardo França (2013) that present works on José de Alencar's reception. Through the analysis of primary sources, we sought to show the interests and dialogues the Portuguese criticism, evidencing that the reception is undergone to conventions that regulate the appropriation of the text, covering discussions that reveal a Lusitanian criticism based on the literary autonomy necessity through the local color.

KEYWORDS: Critic reception, José de Alencar, Luso-Brazilian relations, 19th century

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estudo por meio de fontes primárias acerca da recepção crítica de romancistas brasileiros em Portugal, na segunda metade do século XIX, revela fatores históricos e

¹ O presente artigo é resultado da pesquisa de iniciação científica vinculada ao projeto universal do CNPq, "Brasileiros em Portugal: romances que cruzaram o Atlântico na segunda metade do século XIX", coordenado pela Profa. Dra. Juliana Maia de Queiroz.

² Graduando em Letras pelo ILC/UFPA – Universidade Federal do Pará (UFPA), Instituto de Letras e Comunicação (ILC). Belém – PA – Brasil. E-mail: dbelo76@gmail.com

literários que confirmam as relações luso-brasileiras durante esse período. Ao considerar o contexto histórico, verifica-se que o livro e os periódicos são meios de transmissão de cultura, provocando mudança das mentalidades, assim como mostra Maria Manuela Tavares Ribeiro, em *Livros e Leituras no Século XIX* (1999), ao afirmar que “o livro é veículo importante de circulação de ideias, de comunicação de mensagens e sendo, ao mesmo tempo, objeto de consumo da sociedade oitocentista portuguesa” (RIBEIRO, 1999, p. 188). Ao traçar um longo panorama acerca da produção de romances em Portugal, sobretudo na segunda metade do século XIX, a pesquisadora demonstra como a literatura que circulava também em periódicos, por meio de revistas das mais variadas ou folhetins nacionais e traduzidos impulsionou o mercado editorial português onde concorriam romances do próprio país ao lado de obras estrangeiras.

Nesse sentido, procuramos examinar alguns conceitos da segunda metade do século XIX em Portugal no que diz respeito à crítica realizada naquele país, nesse período. De acordo com Luciano Cordeiro, por exemplo, em *Livro de Crítica – Arte e Litteratura Portuguesa D’Hoje* (1868 – 1869), a crítica é uma arte que pode ser considerada uma ciência “para a qual todas as outras ciências concorrem; de que todas elas se auxiliam, que a todas leva alento e luz, e que recebe de todas luz e alento” (CORDEIRO, 1868, p. 28.). O autor afirma ainda que “a crítica é a verificação dessas concepções e das relações delas” e diante dessa relação a crítica “induz e deduz” (CORDEIRO, 1868, p. 28.), o que pode influenciar consideravelmente a leitura de alguma obra.

Além do conceito de crítica, abordado por Cordeiro nos primeiros capítulos da sua obra, o escritor português busca, apresentando desde títulos científicos a personagens mitológicos, focar a arte em contraste com a crítica confirmando que, apesar da crítica ser uma arte, a arte não pode ser uma crítica. Isso porque “a arte não vive de investigações lentas, graduais e parciais. Enquanto a crítica substitui ao subjetivo arbitrário, a observação, o averiguamento, o testemunho dos fatos, a objetividade da história, cuidadosa e profundamente estudada” (CORDEIRO, 1869, p. 205.)³. Para o crítico, o romantismo artístico cria um mundo onde a ciência move ruínas suprindo o subjetivismo na idealização histórica, irrompendo, por exemplo, no exagero e na aberração.

O estudo da recepção crítica, presente tanto em livros como em periódicos, pode ilustrar o acolhimento de autores brasileiros em Portugal, além de destacar o estreitamento

³ Ortografia atualizada.

das relações literárias e editoriais entre esses dois países na segunda metade do século XIX. Nesse sentido, a crítica romântica portuguesa determinará, em muitos aspectos, o que deveria ser considerado como literatura autêntica na ex-colônia e, por assim dizer, o que e como seria mais adequado escrever. Segundo Maria Eunice Moreira (2013), raras são as referências a romancistas brasileiros em Portugal, no entanto, as poucas críticas direcionadas ao Brasil levam em conta diversos pontos conflitantes, embora elenquem aspectos positivos, quase todos relacionados ao tratamento da cor local.

A recepção de José de Alencar

José de Alencar foi uma figura polêmica em diversos níveis e áreas nas quais esteve envolvido. É interessante ressaltar que no pouco que se escreveu em Portugal sobre Alencar, se comparado à projeção de sua atuação literária e política no Brasil, destaca-se, em sua maioria, a crítica de Pinheiro Chagas por quem foi aclamado e, ao mesmo tempo, bastante censurado sobretudo porque Alencar lançava mão de uma linguagem considerada por Chagas como *abrasileirada*, uma vez que o autor português reverenciava o uso da língua portuguesa padrão.

De acordo com as pesquisas empreendidas por Marcelo Pellogio (2006), as críticas feitas pelo autor português, além de superficiais, acabaram influenciando negativamente diversos outros textos acerca da prosa alencariana, considerando-a muitas vezes desleixada e incorreta. Em alguns aspectos a crítica feita por Pinheiro Chagas torna-se de fato incoerente e superficial, se considerarmos os critérios defendidos por ele para legitimar a autenticidade da literatura de uma nação.

Sabe-se que o crítico português foi um dos principais autores a se empenhar na análise e divulgação da literatura brasileira em Portugal no último quartel do Oitocentos. Com base nos trabalhos de Pellogio (2006) e Moreira (2013), fomos em busca das fontes primárias a fim de examinarmos melhor a recepção crítica de Pinheiro Chagas ao romance de José de Alencar. Graças à generosidade do professor Eduardo Melo França, que nos disponibilizou uma cópia do *Anuário do Arquivo Pitoresco*, de 1866, começamos esse texto. Nele, Pinheiro Chagas apresenta algumas obras novas que haviam sido lançadas e dentre elas cita *Iracema*, publicada por José de Alencar em 1865:

Iracema é uma lenda do Ceará, dos tempos da descoberta, e revela uma tendência louvável para dar autonomia à literatura brasileira. O sr. J. de Alencar procurou a inspiração do seu poemazinho em prosa nas tradições da sua terra natal, na voz das suas florestas, no esplendor das suas paisagens, e foi bastante feliz para que possamos agoirar um grande

sucesso ao trabalho mais desenvolvido que nos promete sobre assuntos idênticos (CHAGAS, 1866, p. 198).

Ainda que o argumento do crítico português recaia sobre a obra de Alencar, o foco da apreciação leva à discussão da autonomia literária brasileira, pois, para o autor, era lastimável “que o Brasil, tranquilo e próspero, não possuísse uma literatura tão original” (CHAGAS, 1866, p. 198.). Ao analisar a apreciação do autor, podemos notar que José de Alencar consegue suprir as expectativas de Pinheiro Chagas, tematicamente. No entanto peca pela expressão linguística:

O senhor J. de Alencar vem, felizmente, desmentir-nos. Por isso, aplaudimos a tentativa neste gênero, que lemos e admiramos, ainda que desejássemos mais correção na linguagem, e talvez alguns decotes na esplêndida ramaria do seu opulentíssimo estilo (CHAGAS, 1866, p. 198.)

Pinheiro Chagas demonstra então em sua recepção uma profunda admiração por José de Alencar, e, simultaneamente, assinala a sua insatisfação quanto à forma como o autor brasileiro utiliza a língua portuguesa.

O português lançou, em 1866 (apenas um ano após *Iracema*), o seu romance, pouco conhecido, intitulado *A Virgem de Guaraciaba*. Eduardo Melo França (2013) afirma que, com essa obra, Pinheiro Chagas indica uma tentativa de se contrapor ou até mesmo ensinar como um romance brasileiro deveria ser feito. Além disso, o que confere equidade ao argumento do pesquisador é a presença de diálogos entre o enredo da obra de Pinheiro Chagas e as obras de Alencar (*O Guarani* e *Iracema*), que aparentam ter sido mescladas pelo romancista português.

Guaraciaba, presente no título da obra de Pinheiro Chagas, em tupi significa *cabelos do sol*, segundo nota do próprio José de Alencar em *Iracema*, pois era assim que “os indígenas chamavam aos europeus que tinham cabelos louros” (ALENCAR, 2006, p. 263.). No entanto, o diálogo entre os dois romancistas não termina no título, uma vez que há também cenas e descrições que foram utilizadas por Pinheiro Chagas em seu romance e aparentemente retiradas da obra alencariana⁴. A diferença entre as duas narrativas é evidente, pois, diferentemente da brasileira, a narrativa portuguesa mostra o deslumbramento e o preconceito contra os hábitos brasileiros e as tradições indígenas, sem valorizar os costumes dos primeiros povoadores. A crítica, portanto, torna-se incoerente

⁴ A autora Maria Aparecida Ribeiro compara desde diálogos a descrições de cenas, elementos e situações entre os três romances. Ler: RIBEIRO, Maria A. *O Saí e a Serpente: Diálogos entre José de Alencar e Pinheiro Chagas*. In: Rev. de Letras. Coimbra – Vol. 1/ Nº 29 (2), p. 75-82 – jan./jun. – 2009.

visto que não reflete o sentimento de pertencimento ao Brasil pelo autor português, pois por meio da análise de seus textos nota-se que o autor apresenta em sua crítica, e também em seu romance, um conhecimento superficial provindo de leituras estrangeiras sobre a ex-colônia.

Em 1867, Pinheiro Chagas publica o livro *Novos Ensaios Críticos* contendo um artigo intitulado *Literatura brasileira - José d'Alencar: Iracema, lenda do Ceará*. Em uma reafirmação do seu argumento anterior, o crítico aponta o Brasil como uma nação ainda sem uma literatura autêntica, traçando então um caminho que, a seu ver, os escritores brasileiros necessitariam trilhar para serem independentes: era preciso deixar um pouco a metrópole europeia de lado, voltar-se para os aromas do seu solo, intitular-se filhas adotivas e amantes das florestas da América, assim como acolher as tradições dos primeiros povos que habitavam (CHAGAS, 1867, p. 215). Com esse argumento, Pinheiro Chagas indicava aos brasileiros que era preciso dar ênfase sobretudo à cor local, “esquecendo-se” de Portugal para assim voltar os olhos para as matas virgens das terras americanas.

O argumento de Pinheiro Chagas toma como elemento de “tentativa de literatura autêntica” a obra *Iracema* (1865), e afirma ser esse “livrinho” que dará ao Brasil a independência literária que busca. Em sua visão marcada pelo viés superior da antiga metrópole, o romance alencariano tenta inaugurar então uma literatura verdadeiramente nacional, posto que José de Alencar deu “o primeiro passo afoito na selva intrincada e magnificente das velhas tradições” (CHAGAS, 1867, p. 218). Ao tomar como modelo um autor norte-americano, Fenimore Cooper, como ideal a ser seguido, Chagas estabelece os critérios a serem adotados pelos romancistas brasileiros:

Quem lê os romances de Cooper, e se entusiasma com as suas descrições magníficas, com os usos pitorescos dos selvagens, com a linguagem imaginosa e colorida, [...] se volve depois os olhos para as terras de Santa Cruz [...] lamenta de certo que não houvesse um poeta, que soubesse aproveitar os tesouros da poesia, espalhados com profusão por esse território admirável, e que, da mesma forma que Fenimore Cooper, desse um mágico relevo às tradições e às crônicas desses povos, a quem Deus concedera para habitação como que um arrebalde do Paraíso (CHAGAS, 1867, p. 219).

Pinheiro Chagas considera José de Alencar como aquele que possivelmente dará o relevo necessário para a literatura brasileira. Para o crítico português, o autor livrou as terras de Santa Cruz desse desdouro com a obra de *Iracema* que, segundo Chagas, é uma

pequena tentativa que revela o grande estilista que é, além de ser um pintor fervoroso das paisagens naturais da América e um ótimo historiador dos antigos povos.

Mesmo considerando *Iracema* uma tentativa de autonomia literária e uma obra que no geral é considerada elogiosa em diversos aspectos, quando volta a análise à prosa alencariana aponta o erro grave de aspecto gramatical, levantando discussões acerca de questões filológicas:

É a falta de correção na linguagem portuguesa, ou antes a mania de tornar o brasileiro uma língua diferente do velho português, por meio de neologismos arrojados e injustificáveis e de insubordinações gramaticais, que (tenham cautela!) chegarão a ser risíveis se quiserem tomar as proporções de uma insurreição em regra contra a tirania de Lobato (CHAGAS, 1867, p. 221.)

José de Alencar que, em sua maioria, nunca deixou uma crítica ao seu respeito sem resposta, publica uma segunda edição de *Iracema* e escreve o pós-escrito diretamente a alguns críticos inclusive a Pinheiro Chagas, e argumenta:

Na opinião do Sr. Pinheiro Chagas, a gramática é um padrão inalterável, a que o escritor se há de submeter rigorosamente. [...] Minhas opiniões em matéria de gramática têm-me valido a reputação de inovador, quando não é pecha de escritor incorreto e descuidado (ALENCAR, 2006, p. 291).

O responsável pela narrativa de *Iracema* cita ainda que os livros de Mendes Leal não passam de traduções dos romances de Fenimore Cooper, alterando apenas os nomes das regiões geográficas para ambientar as histórias na ex-colônia. Para José de Alencar, os personagens desses romances não tinham nada que fosse tipicamente brasileiro, além do próprio nome do “gênero”. Ele alfineta ainda Pinheiro Chagas por nomear os costumes e “idiotismos” indígenas como incorreções da língua, negando assim a liberdade do brasileiro de ter uma identidade própria, singular, que difere da portuguesa (ALENCAR, 2006).

Ainda em relação à apreciação crítica de Pinheiro Chagas sobre os romances indianistas de Alencar, Maria Aparecida Ribeiro salienta o equívoco de Chagas ao tomar como modelo Fenimore Cooper sem atentar ao fator da derivação linguística da colônia em relação à metrópole. Alencar, no pós-escrito da segunda edição de *Iracema*, argumenta que Pinheiro Chagas se engana ao achar que “o inglês e o espanhol da América é o mesmo inglês e espanhol da Europa” (ALENCAR, 2006, p. 294). Para Alencar, tanto na pronúncia quanto no próprio mecanismo da língua notava-se as diferenças que se tornariam mais evidentes no futuro.

No que se refere ao entendimento da língua Ribeiro declara:

Não conhecendo suficientemente o inglês e o espanhol era incapaz de encontrar diferenças linguísticas entre escritores americanos e ingleses, espanhóis e hispano-americanos. E, sem perceber que as línguas transplantadas tendem a realizar as derivações contidas no seu espírito, achava que os escritores brasileiros seguiam “veredas escabrosas”, levando “aos tombos a língua de Camões” (RIBEIRO, 2009, p. 81.).

Pinheiro Chagas e outros autores portugueses, como José da Silva Mendes Leal⁵, por exemplo, acreditavam que o fato de o Brasil utilizar o mesmo idioma dos colonizadores faria com que a produção literária fosse a mesma⁶. Mendes Leal escreveu que “quando dois povos falam o mesmo idioma, não há distinções senão as que dá o préstimo ou o valor da obra” (*apud* RIBEIRO, 2009, p. 75.).

Ainda no mesmo ensaio, Maria Aparecida Ribeiro faz referência a outro autor estabelecido no Brasil desde 1838, José da Gama e Castro. Para esse autor, apesar de o Brasil ter se tornado independente, ele negava a sua autonomia literária afirmando que “a literatura não toma o nome da terra e sim da língua” (*apud* RIBEIRO, 2009, p. 75.). Com isso, inferimos que a principal crítica de autores que defendiam a língua portuguesa de Camões, partiam do princípio de que os escritos do Brasil deveriam seguir as mesmas regras da língua portuguesa padrão, sendo esse um dos motivos para as críticas tão contundentes que os autores brasileiros recebiam.

Não obstante, a recepção negativa de Pinheiro Chagas, em 1866 e 1867, deu lugar a um discurso mais afável alguns anos mais tarde. Em 1873, quando se torna redator do periódico *O Brasil*, vai escrever sobre a escassa presença de obras brasileiras em solo lusitano, assumindo uma postura mais moderada e positiva em relação à nossa literatura, conforme o exame da fonte primária:

Com muita mais facilidade se estuda na nossa terra a literatura chinesa do que a literatura brasileira. E não se imagine que exagero. Os editores parisienses mandam para Lisboa, entre as novidades de livraria, os romances chineses traduzidos por Stanislas Julien [...]; ao passo que do Brasil as únicas novidades que para cá nos vêm são café, açúcar e bananas. Ora, eu não desprezo as bananas, o açúcar e o café, mas gostava que viessem também alguns livros revelar ao público português que os ignora absolutamente, os esplendores da literatura brasileira (CHAGAS, 1873, p.1).

⁵ Autor do “romance brasileiro” *Calabar, História Brasileira do Século XVIII* (1863).

⁶ O diálogo entre os autores portugueses fica evidente quando Chagas, no prefácio de *A Virgem de Guaraciaba*, agradece a José da Silva Mendes Leal por *Calabar*.

O texto de Pinheiro Chagas, sob o título *Bibliografia Brasileira*, é bastante elogioso a Alencar, admitindo inclusive que seu texto crítico sobre *Iracema*, de 1867, é “pobre, defeituoso e incompleto” (CHAGAS, 1873, p. 1).

As últimas apreciações de Pinheiro Chagas sobre a literatura brasileira e sobre José de Alencar acabam revelando uma discreta afirmação da identidade literária dando ao autor de *Iracema*, enquanto romancista, um título valoroso que pertencia também a Gonçalves Dias como poeta, ou seja, excelentes representantes da literatura brasileira. Contudo, há também o fator comercial, tendo em vista que o Brasil era um mercado em ascensão que incorporava grande parte das obras portuguesas em suas livrarias. Além disso, sabemos que a ex-colônia era o destino de muitos portugueses que vinham com o intuito de fazer riquezas em diversas áreas.

Com isso, a circulação de obras brasileiras em solo lusitano crescia, reafirmando a relação dos dois países. De acordo com a análise de Juliana Maia Queiroz (2015), foram encontrados no “*Catálogo das Publicações Brasileiras recebidas pela livraria Internacional de E. Chardron*” (1874) dezessete títulos de Alencar, ao lado de outros autores brasileiros como Joaquim Manoel Macedo e Pereira da Silva; no catálogo da livraria Bertrand, de 1876, foram localizadas doze obras de Alencar, na seção dedicada aos romances nacionais e traduzidos, ratificando que a oferta de títulos brasileiros era ampla na segunda metade do século XIX, em Portugal.

Além de Pinheiro Chagas, outro autor português a tecer alguma consideração crítica à obra de Alencar foi o bibliógrafo Inocêncio Francisco da Silva. No ano de 1860, em seu *Dicionário*, no tomo V, há um pequeno verbete sobre Alencar listando algumas de suas obras até aquele momento. Nele constam informações biográficas do autor, tiragens e tipografias de seus romances: *O Guarani* e *Cinco minutos*. No entanto, o autor português exibe dados mais completos das peças de teatro produzidas pelo escritor brasileiro.

No tomo XIII, de 1885, estando o *Dicionário* sob a direção de Brito Aranha⁷, algumas informações, presentes anteriormente no tomo V, foram alteradas ou ampliadas. Além de dados biográficos, Brito Aranha acrescentou a informação de que Alencar, no quarto ano de seus estudos jurídicos, esboçou dois contos, sendo eles: *Alma de Lázaro* e *Ermitão da Glória*. Estes foram ampliados e revistos por Alencar e publicados pelo editor

⁷ Este tomo de *Dicionário* apresenta na capa a seguinte informação: “Estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil. Continuados e ampliados por Brito Aranha”.

Garnier em um conjunto de contos⁸. Brito afirma que a carreira literária do autor de *Iracema* passou a ter grandes triunfos a partir do momento em que começou a trabalhar na direção política e literária do *Diário do Rio de Janeiro* e cita como “empenho saliente” as *Cartas Sobre a Confederação dos Tamoios* que “deram-lhe a celebridade de um escritor de primeira ordem” (ARANHA, 1885, p. 129).

Em 1866, no número trinta e um do *Arquivo Pitoresco, Semanário Ilustrado*, é publicada em Lisboa uma matéria mais completa sobre José de Alencar, assinada por Inocêncio Francisco da Silva. O autor do artigo apresenta como “propósito limitar-se a comemorar em simples apontamentos o que até aqui alcançamos da vida e obras do escritor brasileiro” reconhecendo-o como “talento ilustre”, além de o considerar como “um dos ornamentos mais distintos da atual literatura no Brasil” por possuir obras de “mérito inquestionável” (SILVA, 1866, p. 244.).

O texto de Inocêncio Francisco da Silva incluía também questões políticas nas quais Alencar estava envolvido, apresentando diversos dados bibliográficos. No que diz respeito à obra literária, Silva enumerou uma grande parte das produções feitas pelo brasileiro. Sobre os romances, inicia seu artigo⁹ elogiando o inteligente e abastado livreiro-editor B. L. Garnier, que, com seus relevantes serviços, fomentou as letras do Brasil. O sr. Garnier foi o responsável pela reimpressão de quase todas as obras de José de Alencar, demonstrando ao autor que as primeiras edições se encontravam exaustas e precisavam de revisões e retoques (SILVA, 1866, p. 330.).

Vejamos o que disse Inocêncio Francisco da Silva sobre o romance indianista de Alencar, *O Guarani*:

Este romance, que desde o seu aparecimento obteve conspícua aceitação no mundo literário, é um quadro animado e sobremaneira interessante dos costumes, das superstições indígenas, e das lutas renhidas e intermináveis entre a raça conquistadora e a conquistada [...]. Alguns puristas desejariam que o ilustre escritor se mostrasse mais sóbrio em sua narrativa, e mais cuidadoso do estilo, evitando a monotonia que às vezes resulta da reprodução de imagens e situações análogas; porém todos concordam em que na parte descritiva emparelha com os melhores. A dedicação de Peri, o guarani (isto é, o indígena brasileiro) atinge por vezes as raias do sublime; e o desenlace do romance é terrível e sentimental (SILVA, 1866, p. 331).

⁸ *O Garatuja, O Ermitão da Glória e Alma de Lázaro* (1873) formam no conjunto os *Alfarrábios* baseados em tradições do Rio (CANDIDO, 2014, p. 537).

⁹ Este item é referente à segunda parte do artigo, no número quarenta e dois do periódico.

A partir da citação acima, nota-se que o estilo “incorreto e descuidado” atribuído a José de Alencar por Pinheiro Chagas é lembrado por Inocêncio Francisco da Silva. Nesse sentido, vale assinalar que José de Alencar, no prefácio de *Sonhos D'Ouro* (1872) intitulado *Benção Paterna*, esboça uma explicação sobre todas as suas obras, afirmando que cabe ao escritor a importante tarefa de trabalhar os dizeres e os termos consagrados pelo povo:

Sobretudo compreendam os críticos a missão dos poetas, escritores e artistas, nesse período especial e ambíguo da formação de uma nacionalidade. São estes os operários incumbidos de polir o talhe e as feições da individualidade que se vai esboçando no viver do povo. Palavra que inventa a multidão, inovação que adota o uso, caprichos que surgem no espírito do idiota inspirado: tudo isto lança o poeta no seu cadinho, para escoimá-lo das fezes que porventura lhe ficaram do chão onde esteve, e apurar o ouro fino (ALENCAR, 2016, p. 06).

Alencar confere uma organicidade capaz de defender o conjunto de suas obras (MARTINS, 2005, p. 183) em *Benção Paterna*, tanto as suas obras históricas quanto às urbanas. Direcionando-se nesse texto aos críticos portugueses que, ao invés de procurarem por erros em romancistas, por conta de neologismos e de palavras necessárias para a introdução de novos costumes, José de Alencar argumenta que tais críticos deveriam se voltar a algo mais importante e censurar o que realmente fosse prejudicial ao gênero.

Além de *O Guarani*, Inocêncio Francisco da Silva elenca outras obras de José de Alencar, tais como *Cinco minutos* (1856), *A Viuvinha* (1857) e *Lucíola* (1862), exibindo apenas informações editoriais. A propósito de *As Minas de Pratas* (1865) o dicionarista afirma que Alencar “continua a sustentar nesta sua composição o crédito adquirido pelas anteriores” (SILVA, 1866, p. 331.). Sobre *Iracema*, o bibliógrafo português afirma que ainda não havia lido, no entanto o conhecia através de “uma desenvolvida análise que publicou o sr. Machado de Assis no Diário do Rio de 23 de janeiro” (SILVA, 1866, p. 332)¹⁰.

A afirmação de uma literatura autêntica brasileira e a valorização de José de Alencar como romancista são consolidadas apenas nos últimos anos de vida do autor brasileiro e, principalmente, após a sua morte. No periódico *Ocidente*, em 15 de janeiro de 1878, há um texto publicado sob o título *José de Alencar* assinado por L. J. Pereira da Silva. O autor de *Iracema* é colocado em uma posição de destaque por ter conquistado “o

¹⁰ A análise em questão trata-se de uma crítica de Machado ao cenário literário brasileiro da época, e afirma que *Iracema* é uma obra do futuro.

primeiro lugar” entre os numerosos autores brilhantes que surgiram na ex-colônia e cita Teixeira e Sousa e Manuel Antônio de Almeida como os mais distintos romancistas do Brasil antes de Alencar.

Além disso, o texto de *O Ocidente* compara a temática dos romances dos dois autores, *A Providência* (1854) e *Memórias de um Sargento de Milícias* (1853), ao de Alencar, afirmando que os romancistas de narrativa histórica “não tiveram depois competidores mais graduados do que *O Gaúcho*, *O Guarani* e *As Minas de Prata*”. Apesar de não analisar *Iracema*, L. J. Pereira da Silva indica que José de Alencar conferiu a esses romances “feição nova e característica, acentuando neles poeticamente o cunho brasileiro pela fidelidade das descrições, e nos dois últimos pela delicada observação dos esplendores da natureza” (SILVA, 1878, p. 11).

Como vimos anteriormente, José de Alencar recebeu duras críticas de Pinheiro Chagas sobre o uso inadequado da língua portuguesa em seus romances, ao contrário de L. J. Pereira da Silva, que elogia a tendência nacionalista do autor brasileiro:

Romancista fecundo, deixou ainda José de Alencar brilhantes atestados do seu talento nos formosos livros, populares no Brasil, a que deu por títulos *A Viuvinha*, *Cinco Minutos*, *Diva*, *Lucíola*, *Iracema*, *A pata da Gazela*, *Til*, *O Garatuja*, *Senhora* e muitos outros, todos fieis a mesma tendência de nacionalizar a língua, dando cunho e feições especiais à literatura do seu país (SILVA, 1878, p. 11).

Em 1898, Sousa Bastos publica o livro *Carteira do Artista*, com o objetivo de apresentar autores importantes, resultado de uma pesquisa extensa, por meio de fontes seguras que lhe forneceram informações sobre os artistas. Como o próprio dramaturgo português aponta na apresentação do livro, trata-se de uma obra de investigação, a qual “não ficou uma única data para que não encontrasse um acontecimento que interessasse ao teatro” (BASTOS, 1898, p. 11).

Além de citar José de Alencar, foram encontradas referências a autores brasileiros como Machado de Assis, Joaquim Manuel Macedo, Bernardo Guimarães, Franklin Távora e uma rápida referência à autora Júlia Lopes de Almeida¹¹.

¹¹ Esta última não tem um verbete destinado a ela, como os demais autores. A ilustre escritora brasileira aparece por meio de uma citação dentro do artigo referente ao escritor português Filinto de Almeida, comentando que o romancista era casado com Júlia Lopes, autora de alguns contos e romances como: *Memórias de Martha* (1888), *A Família Medeiros* (1893) e *A Viúva Simões* (1897), que foi editada em Lisboa, por Antônio Maria Pereira (cf. BASTOS, 1898, p. 772). O autor finaliza o comentário sem tecer qualquer comentário a respeito da autora ou das obras.

O teatrólogo português apresenta informações de José de Alencar a respeito de sua vida e realizações literárias, ocupando-se em especificar várias obras do conselheiro. Uma grande parte dos livros de Alencar foram enumerados por Bastos, inclusive os jurídicos como *Uma tese constitucional* (1867), *Questão de Habeas Corpus* (1868), *O sistema representativo* (1868) e *Esboços Jurídicos* (1883). Apesar de citar os romances sem manifestar-se sobre eles, o autor destaca “principalmente *O Guarany*” afirmando que “são considerados obras notáveis e dignas de fazerem a reputação de um escritor” (BASTOS, 1898, p. 172). Apesar de Sousa Bastos não tecer críticas específicas sobre os autores, ele dedicou um espaço em seu livro maior do que os demais para falar sobre os feitos de José de Alencar, evidenciando a reputação do autor brasileiro em solo lusitano, no final do século XIX.

Considerações finais

Ante o exposto, observa-se que a recepção crítica do romance brasileiro em Portugal constitui-se, em sua maioria, de apreciações de romances de temática indianista. A partir da análise das fontes primárias, demonstra-se a importância de José de Alencar na difusão da literatura brasileira em solo lusitano, tendo seu nome citado por grandes críticos portugueses da época e estampado em diversos textos e livretos.

Nesse contexto, temos em Pinheiro Chagas um dos principais nomes a tecer críticas a Alencar, por vezes desaprovando e ao mesmo tempo elogiando o estilo do brasileiro. Podemos afirmar ainda que Alencar é um dos romancistas brasileiros que ganha maior visibilidade em Portugal, considerando que os romances *O Guarani* e *Iracema* apresentam narrativas que representam ficcionalmente elementos da natureza da floresta virgem americana, além de expor a cultura indígena de forma genuína. Ao longo de nosso artigo procuramos mostrar que Pinheiro Chagas elogiava o pontapé inicial de Alencar no caminho de uma literatura verdadeiramente nacional, porém esse mesmo pontapé era condenado por conter uma linguagem demasiadamente “abrasileirada”.

Vale ressaltar que em diversas oportunidades o polêmico escritor brasileiro respondeu às críticas de Chagas e de outros críticos portugueses muito resistentes à ideia de uma literatura brasileira bastante autônoma, inclusive no uso da língua portuguesa padrão. No entanto, vimos que com o avançar do século XIX, Pinheiro Chagas chega a admitir que suas críticas iniciais possam ter sido desproporcionais à importância que os textos alencarianos possuíam.

Além do destaque nos textos de Chagas que vimos, outros importantes nomes, tais como Inocêncio Francisco da Silva, Brito Aranha, L. J. Pereira da Silva e Sousa Bastos, dedicaram atenção a José de Alencar destacando aspectos como sua influência nacional, reputação e talento dependidos na escrita de suas obras, merecedoras de créditos e elogios por afirmarem uma autêntica literatura brasileira.

Através da análise das fontes primárias, percebemos que a crítica portuguesa oitocentista enxergava o Brasil como uma nação cuja literatura ainda estava em construção, prioritariamente observada sob a ótica do nativismo. Em contrapartida, notamos que com o avanço dos anos e das relações editoriais entre os dois países, proporcionalmente também as apreciações críticas em relação tanto a Alencar quanto à literatura brasileira, ganharam um viés mais ameno e amistoso no sentido de aproximar literariamente Portugal e Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. *Iracema: Lenda do Ceará*. 3ª ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- _____. *Benção Paterna*. 1872. Documento eletrônico. Disponível em <https://edsonsoaresmartins1973.files.wordpress.com/2016/08/bc3aanc3a7c3a3o-paterna-prefc3a1cio-de-sonhos-doiro-j-a.pdf>. Acesso em 18 nov. 2019.
- BASTOS, Antônio de S. *Carteira do artista: Apontamentos para a história do teatro português e brasileiro*, Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 1898.
- CANDIDO, Antônio. Os Três Alencares. In: _____. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos 1750 – 1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014. p. 536 – 548.
- CHAGAS, M. Pinheiro. *Bibliografia Brasileira*. In: O Brasil. 3º ano, número 69. Lisboa, edição de 25 de março de 1873.
- _____. Letras e Artes. In: *Anuário do Arquivo Pitoresco*. Lisboa: Tipografia de Castro e Irmão, janeiro de 1866, n. 25, p. 196-198.
- _____. *Novos ensaios críticos*. Porto: Viúva Moré – Editora, 1867.
- CORDEIRO, Luciano. *Livro de Crítica – Arte e Literatura Portuguesa D’Hoje*. Porto: Typographia Lusitana, 1868-1869.
- FRANÇA, Eduardo M. *A Recepção da Literatura Brasileira em Portugal Durante o Século XIX*. Tese de Doutorado. Pernambuco – Universidade Federal de Pernambuco, 2013.
- MARTINS, Eduardo V. *A Fonte Subterrânea: José de Alencar e a Retórica Oitocentista*. Londrina: Edue/Edusp, 2005.
- MOREIRA, Maria E. *José de Alencar e a Crítica Portuguesa do século XIX*. In: RCL – Convergência Lusíada. PUC-RS - Rio Grande do Sul – n. 29, p. 195-203 – jan./jun. 2013.
- PELOGGIO, Marcelo. *O Desvio de Um Viajante: A Recepção da Obra de José De Alencar em Portugal*. In: Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – vol. 02, n. 01 – jan./jun. 2006.
- QUEIROZ, Juliana M. de. *Romances Brasileiros em Portugal no Último Quartel do Oitocentos: Circulação e Recepção*. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC, Belém – PA, vol. 17 / n°. 26, p. 10-22, jun./jul. 2015.
- RIBEIRO, Maria A. *O Saí e a Serpente: Diálogos entre José de Alencar e Pinheiro Chagas*. In: Rev. de Letras. Coimbra – Vol. 1/ Nº 29 (2), p. 75-82 – jan./jun. – 2009.

RIBEIRO, Maria M. T. *Livros e leituras no século XIX*. In: Revista de História das Ideias: O Livro e a Leitura. Coimbra, vol. 20, n. 1. Instituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1999, p. 187-227.

SILVA, Inocêncio F. da. José de Alencar. In: *Arquivo Pitoresco: Semanário Ilustrado*. Lisboa: Tipografia de Castro, Irmão & Cia., 1866, t. V, n. 31, p. 244-246.

_____. José Martiniano de Alencar. In: *Dicionário bibliográfico português*. Brito Aranha (dir.). Lisboa: Imprensa Nacional, 6o do suplemento, t. XIII, 1885, p. 128-134.

_____. José Martiniano de Alencar. In: *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa nacional, t. V, 1860, p. 60-61.

SILVA, L. J. Pereira da. José de Alencar. In: *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. Lisboa: Lallement Frères, 15 de janeiro de 1878, v. 1, a. 1, n. 2, p. 11 e 14.